

# KAREN RUSSELL DOADORES DE SONO

*Tradução*  
Cláudia Costa Guimarães

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2016

## A VAN DE SONO

.....

**A**SIRENE TOCA, E PREPARAMOS O ENVIO. RECENTEMENTE, NOVE em cada vinte têm sido para o mesmo endereço: Cedar Ridge Parkway, 3.300.

Então recebemos uma ligação, cancelando o chamado.

E em seguida recebemos uma terceira ligação: não, ignorem o cancelamento; mandem uma Van de Sono para a propriedade, já.

O problema, segundo um Jim claramente agitado, é: o Sr. e a Sra. Harkonnen estão tendo uma “discordância”.

— O Sr. Harkonnen diz que quer pular fora.

— E daí? — pergunta o estagiário. — Nem usamos as doações dele.

— Não, imbecil. Ele está tentando pular fora com a Bebê A. Com isso, todos olham para nós.

Rudy dá um tapa na careca e não tira a mão da cabeça. Uma coloração cereja se espalha por debaixo dos dedos, como um rubor no couro cabeludo.

Jim para no meio do trailer e, ao alcance do olhar de todos, esfrega os punhos nos olhos cinzentos. É um gesto patético e inútil de testemunhar, como assistir a um animal se encolhendo

dentro de uma gaiola de plástico. Dá para perceber o quanto ele está assustado com a possibilidade de perder tanto a Bebê A quanto o bom juízo que fazemos dele.

Há seis voluntários nos telefones esta noite, e estamos todos o incentivando em silêncio: *Não chore, Jim.*

Nossa Estação de Sono tem uma hierarquia atípica: temos dois supervisores, os irmãos Storch. São ex-diretores executivos que largaram os negócios no auge da Crise de Insônia e que agora doam livremente para a organização sem fins lucrativos que é o Corpo do Sono todos os seus recursos: dinheiro, tempo, intelecto, liderança, criatividade, tampas de privada. Os Storch fizeram fortuna no ramo dos assentos sanitários ergonômicos. Talvez já tenha visto os anúncios: “Cagar numa Storch é mais gostoso que uma massagem.” O altruísmo extremo dos dois é um modo de instigar o restante da equipe, um incentivo para que nos empenhemos ainda mais e um lembrete de que sempre é possível ir além.

Rudy e Jim são meus supervisores há sete anos; fui a primeira recrutadora nomeada para a equipe. Não interajo com eles fora do trabalho. Nosso contato é limitado a este trailer (a não ser que se contem as participações nos eventos de captação de recursos do Corpo, bailes e campeonatos de golfe beneficentes). Mas eu conheço cada sombra do rosto dos meus chefes, cada pequeno tique de Storch deles: aquela coisa desconcertante que Rudy faz com as tampas das canetas, tudo o que Jim guarda para si nas nossas reuniões. Eles são gêmeos irlandeses de meia-idade, sempre barbeados e grandes como estivadores. Por fora, têm olhos azul-acinzentados e cabelos vermelhos como vinho que formam uma ferradura ao redor da cabeça. Já por dentro, cada irmão tem o próprio metabolismo emocional singularmente perturbado. Rudy, por exemplo, está descontando aos berros

seu desespero nos estagiários, o suor formando gotas reluzentes pelo rosto como num copo de uísque no verão.

Os Storch são celebridades na comunidade da crise de sono. Há oito anos, serviram juntos no primeiro Conselho Diretor do Corpo do Sono, na matriz em Washington. Dentro de poucos meses, o Corpo havia criado postos avançados em cada uma das grandes cidades, proliferantes ramificações da base da capital. Quando tais filiais passaram a funcionar de forma mais ou menos independente, solicitando doações de dinheiro e de sono, os irmãos Storch prontamente pediram rebaixamento para um cargo de menos prestígio em sua cidade natal. Um posto que cobria um fuso horário. Servimos a um núcleo urbano cuja taxa de insônia é vinte e dois por cento mais alta que a média nacional. A cidade na Pensilvânia em que atuamos tem um dos mais altos déficits de sono REM da Costa Leste (embora, com certeza, não tenhamos sido os mais duramente atingidos: Tampa, na Flórida, é a que mais conta com novos casos de insônia; os cortes orçamentários do governador do famoso “Estado Ensolarado” do país levaram os cientistas da região a empacarem no estado “caramba”/“vai entender” da pesquisa). Centenas dos nossos antigos vizinhos, amigos, colegas de trabalho e professores são novos insones. Decretam falência de sonhos, pedem auxílio ao Corpo do Sono, esperam até serem aprovados para uma doação. São como um novo tipo de sem-teto, diz o nosso prefeito, despejados dos próprios sonhos. Acredito que ele esteja realmente preocupado com o eleitorado insone, mas, ao mesmo tempo, cobiçando os votos de uma nova massa intensamente desesperada.

No momento, o Centro Nacional de Saúde Ambiental investiga possíveis causas ambientais para o déficit de sono na nossa cidade: tudo, do estado dos lençóis freáticos e dos ninhos de

águias perturbados pela ação humana à luz da lua sobre a grama ou os antigos gritos do histórico monotrilha.

Eu cresci aqui também.

Operamos a partir de um Escritório Móvel. Seis trailers acoplados uns aos outros, estacionados num terreno baldio do centro da cidade alugado pelo Corpo. “O labirinto caipira”, como Rudy o chama. Um ex-engenheiro da Agência Federal de Gestão de Emergências o projetou como acomodação provisória; uma base para as equipes que trabalham nos limites da crise. Trabalhamos de dentro da nossa lata de sardinha há cinco anos; contudo, ninguém sugere que nos mudemos para um escritório tradicional; ninguém quer espiar pelas janelas de vidro de um prédio de concreto e admitir que a emergência da insônia é hoje algo permanente.

Seria de se esperar que houvesse dificuldade em se esconder num trailer, mas eu me camufo perto do telefone, ao lado da janela. Um estagiário fez cortinas com uma renda que se prende em tudo e que não se parece em nada com uma cortina, mas com vestimentas minúsculas, obscenas: véus de noiva para camundongos, camisolas para chinchilas. O tecido tremula sob o ar-condicionado frenético do trailer. Lá fora, a lua está imensa. Seu brilho faz qualquer brancura fabricada por humanos parecer encardida, impura.

Dou as costas para ela, tiro os fones de ouvido; deixo-me mergulhar em mais um momento de vazio.

— Onde está a Trish?

— Chamem a Trish.

— Estou aqui — aviso.

— Edgewater! — grita Rudy. — Aí está você! Estamos com um problemão.

— Um contratempo — suaviza Jim.

— A mãe está cem por cento dentro. Mas o pai...  
— O pai está cheio de dúvidas.  
— O pai é um filho da puta egoísta.  
— Trish, meu bem...  
— O babaca desligou na minha cara duas vezes.  
— De quem é a assinatura que consta no formulário de consentimento? Temos as duas?

Agora estão todos olhando para mim.

— Temos, sim — respondo calmamente. — Estou com a pasta bem aqui.

— A Edgewater vai cuidar disso — profetiza Rudy, com o olhar fixo em mim.

— O Sr. Harkonnen precisa que o lembrem da importância disso.

— Questão de vida ou morte.

— Eu acho que ele sabe, Jim. Eu já fiz a minha apresentação para eles.

— “Eles”?

— Ela — admito. — Para a mãe.

— Arrá!

— Mas eu tenho certeza de que ela contou a ele sobre a Dori...

— Mas não da forma que *you* conta, Edgewater.

Rudy olha para mim, um enorme sorriso estampado no rosto. É o tipo de chefe que vai dos gritos ao sorriso em apenas dois segundos, numa velocidade alucinante.

— Ele tem de ouvir isso de você. Cara a cara.

— Nem uma parede se recusaria a doar depois de uma apresentação sua.

— Trish, querida...

— Edgewater.

Orgulho arde nos meus olhos. É repreensível, mas é o que acontece.

— Pode não funcionar — digo. — Se ele estiver totalmente decidido.

Jim e Rudy pegam ainda mais pesado, enfatizando que sou indispensável para a organização, que o Corpo estaria perdido sem mim etc.

— Olhe só pra você! — Rudy sorri.

— Olhe só pra essas mãos — continua Jim, com aprovação.

Olhamos para as minhas mãos trêmulas. Eu me sinto novamente orgulhosa — o que, provavelmente, é o sentimento errado para uma série de tremores involuntários. Meu corpo sabe o que estou prestes a fazer e se recusa a cooperar, assim como o Sr. Harkonnen.

— Só você funciona realmente, Trish.

— Certo.

— Você é simplesmente a...

— Eu já disse que vou, Rudy.

Rudy é um mau recrutador. Já o vi em ação. Doadores em potencial ficam a ponto de dizer “sim”, de se renderem à gravidade do apelo. Mas então Rudy exagera, transformando o pedido num jogo de coerção até que, por fim, aquela atitude os deixa desconfiados mais uma vez e os empurram na direção do “não”.

— Foi assim que a gente conseguiu a Bebê A, sabe? — sussurra Jim para o estagiário, Sam Yoon, um universitário veterano que veste uma camisa social verde-menta e franze a testa enquanto deixo o trailer; sei que aquele sussurro é destinado aos meus ouvidos.

— Trish fez a apresentação para a Sra. Harkonnen numa Campanha de Sono num estacionamento. Ela a fisgou na saída do supermercado e assim conseguiu a Bebê A para nós. Você

tem de ver a Trish apresentando quando puder. Vá com ela a uma Campanha. É puro apelo, pura paixão pela causa. A irmã dela era a Dori Edgewater.

— Caramba! — exclama o estagiário, reproduzindo o tom usado por Rudy.

O que me destaca como recrutadora, dizem os irmãos Storch, é o fato de que a morte da minha irmã está eternamente fresca na minha memória; um choque, um ultraje. Não preciso procurar o pulso; essa veia continua aberta e à mostra.

— E a Trish não consegue fingir.

— Chora toda vez que conta a história.

— Quase treme inteira.

— Fica emotiva, e as pessoas têm uma reação muito forte a isso.

— Ela descreve a irmã como se estivesse bem na sua frente.

— Soluça como se ainda estivesse em vigília por ela...

Jim franze o cenho, surpreso consigo mesmo.

Ele é desses que se surpreendem com o que dizem no meio de uma frase. “Soluços de epifania”, é como chama esses momentos. Sempre que meu chefe fica embasbacado com a própria luz interior, eu imagino um minúsculo cervo surpreendido no pasto, com capim na boca, imobilizado pela luminosa aproximação de um caminhão.

— Espere aí, Rudy, por que diabos a gente chama assim? De “vigília”? Para uma garota morta? Que coisa horrível. É macabro demais.

— Eu mesmo já me fiz essa pergunta. Parece até piada de mau gosto.

— Ora, alguma razão deve ter, definitivamente — diz o estagiário puxa-saco. — Alguma lógica católica. Ou será coisa de judeu?



— As pessoas se emocionam! — berra Rudy. — A Edgewater é um motorzinho. Até os perfis mais resistentes doam para ela. Homens, aposentados! Banqueiros de Greenwich, operários da construção civil do oeste do Texas. A comunidade do sudeste asiático, na qual, como você bem sabe, existe uma suspeita culturalmente enraizada da Doação de Sono.

— Claro. — O estagiário faz que sim com a cabeça.

— Mas eles não têm a menor imunidade à história da Edgewater.

Hesito à porta do trailer, prendendo a respiração. Eles continuam com os argumentos e eu continuo a escutar. Preciso, desesperadamente, do que estão oferecendo. De uma doação de fé. Do *porquê* e do *como* da organização. Do nosso trabalho e do valor que ele tem.

Nos meus tempos de colégio, o caminhão da Cruz Vermelha estacionava atrás dos trailers para coletar doações de sangue dos jovens e saudáveis estudantes, que assim podiam matar a primeira aula do dia e comer um biscoito de passas em troca de um pouco de sangue tipo O. Dori doava, mas nunca segui seu exemplo — eu me convenci de que tinha medo de agulhas. Se soubesse naquela época que acabaria aqui, implorando a estranhos por uma hora do seu sono, acho que teria doado sangue em todas as oportunidades possíveis.

Como voluntária do Corpo, meus deveres são muitos e variados. Nos fins de semana, eu despacho a Van de Sono — uma tarefa noturna em que se manda uma equipe voluntária para a casa de quem tem boas noites de sono e se inscreveu para doar um pouco desse descanso. O interior da Van é espartano. Chamamos as camas de “catres catadores”. Se a Van

tiver acomodações para bebês e crianças, são berços e bicamas catadores. As enfermeiras aplicam a anestesia e administram o intravenoso que contém substâncias químicas especiais e deixa o doador inconsciente; em seguida, prendem e ajustam o capacete prata que, para ser sincera, irrita um pouco a pele; e, de um a dois minutos após a perda de consciência, assim que o doador entra num estado de sono artificialmente estimulado, a extração começa. O ar na Van se torna denso à medida que os tubos aquecem; as expirações repletas de sonhos do doador são extraídas por sífões conectados aos nossos tanques, e sono saudável é bombeado do corpo para tubos longos e transparentes.

Durante as noites da semana, eu recruta.

Montamos Campanhas de Sono em diversos bairros, bem ao pôr do sol. Enfermeiras esterilizam capacetes em várias Vans, preparando-se para testar doações. Administradores se acomodam dentro de barracas iluminadas em gramados, empunhando pranchetas, pré-selecionando doadores com um questionário projetado para eliminar aqueles cujo sono é propenso a pesadelos ou perturbações. À meia-noite, sob a silhueta de pinheiros, fazemos mecanicamente as perguntas para os voluntários:

— Quando teve sua última noite de sono profundo e contínuo, minha senhora?

— Quando foi a última vez que o senhor sonhou com cães latindo, com a imensidão do espaço, com grama vermelha, com uma ex-esposa? Agora seja franco, meu senhor: se uma aparição do rosto dela perturbou seu sono, marque aqui...

Durante a maior parte do século XXI, a insônia foi tratável com remédios de venda controlada. Ainda me lembro de ir com meu pai buscar os comprimidos da minha irmã no farmacêutico

narigudo. Cápsulas de Silenor — metade brancas e metade cor-de-rosa. A insônia de Dori para dormir começou aos 11 anos. Na época, antes do avanço da doença, os remédios sempre a faziam adormecer sem problemas. Eu costumava observar atentamente o rosto da minha irmã no travesseiro, tentando perceber o momento exato em que o Silenor fazia efeito.

Assim que, sem que se soubesse o porquê, a insônia adolescente se agravou a ponto de se transformar no transtorno de fato, Dori passou a dormir mais ou menos quatro horas por noite. Mas, durante anos, essas horas bastaram. O corpo pode ser uma fortaleza de resistência, um cacto quando o assunto é sono — capaz de sobreviver com as mínimas gotas.

Aos 20 anos, no entanto, Dori já tinha desenvolvido resistência a todos os remédios para dormir a que tinha acesso. Também ficou, um tanto subitamente, impossível de ser anestesiada, o que descobrimos do pior jeito quando ela quebrou a perna na faculdade e os cirurgiões foram forçados fazer a operação com ela completamente consciente.

O anestesista ainda escreve artigos sobre o caso.

A perna sarou, mas logo Dori perdeu a capacidade de dormir até mesmo três horas por noite. Não conseguia descansar tempo o bastante para entrar no sono REM. Teve de abandonar a faculdade e se mudar para um quarto de hospital. Testaram de tudo nela: dexmedetomidina, propofol, sevoflurano, xenônio. Caso aquela pistola tranquilizante que usam para apagar os elefantes no zoológico não fosse capaz de parar o seu coração, tenho certeza de que a teriam experimentado também. Ninguém conseguia abafar ou apagar sua consciência.

Durante um ano e sete meses, Dori mal dormiu. Então, enfim, a perda foi completa. O último dia da minha irmã se desenrolou sem levar em conta lua ou sol. Morreu acordada depois de vinte

dias, onze horas e quatorze minutos sem dormir. Trancada dentro do próprio crânio, sem conseguir alçar voo.

Quando adolescente, eu me roía de inveja porque, enquanto fiquei com minúsculos cílios castanho-avermelhados, os longos cílios negros de Dori, majestosos como borboletas, se enroscavam tão escandalosamente ao redor das íris verde-caribe, que quem não a conhecia achava que eram postiços. Durante o seu infundável Último Dia, eu me lembro de ficar estudando aqueles cílios colados na pele numa atenção constante. Dori piscava para mim, o raciocínio lento como uma tartaruga, e desejei que ela não voltasse a sorrir, nunca mais, não daquele jeito, porque àquela altura cada sorriso era um acidente, uma contração causada por nada que eu reconhecesse como humano. Dori, minha irmã tagarela, linda e corajosa a ponto de ser estúpida. A Srta. Dirija-Essa-Coisa-Como-Se-Fosse-Roubada (até mesmo quando a única “coisa” à disposição era um Chrysler da nossa tia-avó, com painéis de madeira na lataria e que mais parecia uma casa mal-assombrada — alguém já ouviu falar num carro com cupim?), a Srta. Três-Empregos-Dois-Cursos-Universitários-e-Tem-Uma-Frasqueira-na-Minha-Bolsa havia se transformado, àquela altura, em ninguém, em algo inexistente. Num “vegetal”, como dizem — a plantinha dos médicos. E eu odiava ver os músculos faciais dela forçando um sorriso sobre o travesseiro, como se Dori fosse uma abóbora de Halloween, os olhos pálidos se contraindo; odiava vê-la ficar sem palavras sob a carga acumulada de um incessante ver e pensar e ouvir e sentir, a mente desgastada com o som de cada tossida e da umidade tilintante de cada gota de chuva — todos esses sons explodindo como granadas sobre a sua percepção desprotegida. Até que teve, enfim, a mente esmagada por uma avalanche de momentos despertos. Quando o sono parou de dar sentido ao tempo de Dori, ela não conseguiu

mais sair daquele buraco. Viu-se enterrada debaixo de flocos de neve, minutos se transformando em horas, horas em meses.

A causa oficial da sua morte foi falência múltipla dos órgãos. Eu sei que não parece grande coisa, no papel.

No mesmo mês em que Dori morreu, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CCPD) divulgou a primeira definição de caso da nova insônia terminal. Estimativas iniciais sugeriam que centenas de pessoas sofriam de perda total do sono nos Estados Unidos; um ano depois do enterro da minha irmã, o número havia se ampliado para vinte mil. “Orexinas” foi como a mídia nos ensinou a chamá-las, de forma que, quase que imediatamente, o transtorno virou homônimo das vítimas que fazia. O hospital da Universidade George Washington abriu a primeira ala exclusiva para o tratamento intensivo da insônia, e ela lotou em poucos dias. O Congresso destinou dois bilhões de dólares para pesquisas.

Não demorou muito para os mecanismos de doação de sono serem refinados pela equipe de Gould na clínica do sono de Washington, e, assim, o Corpo do Sono deu início à sua obra.

Nos meses após a divulgação feita pelo CCPD, muitos descreditaram o transtorno como sendo um exagero do estado de saúde natural aos americanos. Quem dormia o suficiente? Ninguém, ora! A “crise” parecia ser mais um fenômeno televisivo criado para nos manter grudados à telinha, assistindo a comerciais que vendiam colchões. O país, nesse começo de compreensão da Crise de Insônia, chamou as primeiras vítimas de mentirosos, hipocondríacos, doidos de pedra, viciados, fraudadores de seguro, ansiosos simulando um transtorno biológico “de verdade”.

Hoje, é claro, todos sabemos muito bem que a epidemia de insônia é um fato. Basta consultar os globos oculares raiados

de cor-de-rosa das vítimas, os rostos magros rígidos por trás de janelas banhadas pelo luar. Desde então, neurocientistas concluíram que, para uma parcela significativa da população do país, a função sinalizadora do neuropeptídeo orexina se deteriorou. A deficiência foi associada à narcolepsia em seres humanos, mas esta disfunção causa o efeito oposto: um estado insustentável de hiperexcitação. O sono se torna impossível. Gente como Dori permanece consciente durante meses ou mesmo anos, refém da química cerebral, presa em um estado de vigília que acaba por matá-la.

O que causa a disfunção em alguns cérebros e não em outros? Será que essas pessoas têm alguma predisposição genética a permanecerem acordadas? Uma consciência mais intensa? Ou será a disfunção provocada por condições do ambiente da pessoa? Ninguém sabe. Essa é a pergunta de dois bilhões de dólares. Até o momento, todos os casos conhecidos de distúrbio de orexina ocorreram no continente americano, e ninguém sabe tampouco por que é assim. Alguns especulam que a doença esteja ligada às marés, aos campos magnéticos, aos polos, aos hemisférios, ao jogo de luz e sombra que se projeta sobre o globo terrestre.

Outros especialistas prometem, com bizarra satisfação, que estamos assistindo “ao fim do sono como o conhecemos”. A televisão se transformou num sombrio Salão de Profetas: o Dr. Daveesha Frank, do Grupo de Pesquisas de Sono de Boston, que fala como um robô programado para se autodestruir; severos professores universitários de gravatas amarelo-girassol que saem bem na câmera. Segundo esses videntes profissionais, o sono foi afugentado do planeta pelos ciclos de noticiários de vinte e quatro horas; pela poluição dos céus, das plantações e das vias navegáveis; pelos olhos artificiais que são as telas dos nossos aparelhos. Nós, americanos, estamos sentados numa cadeira

elétrica construída por nós mesmos. No que se transformaram os nossos ritmos circadianos, as “antigas e alegres harmonias” que corriam por cada um de nós como o avanço vascular da água por folhas de grama? Má notícia, Walt Whitman: essa canção chegou ao fim. E o que dizer do relógio biológico, do núcleo supraquiasmático, prêmio hereditário de todo ser humano, o minúsculo conjunto de neurônios que existe dentro do hipotálamo para regular o nosso apetite pelas luzes fortes do inverno e pela escuridão do espaço — o relógio-mestre que nos liga, uns aos outros, à rotação da Terra, ao Sol e à Lua? A todos os reinos biológicos que dependem do circuito de vinte e quatro horas? A bactérias, monstros-de-gila, sequoias; a baleias-azuis, laranjais, filhotes de urso, mustangues, cogumelos venenosos, leopardos, águias-reais, jacintos, hipopótamos e àquelas minúsculas feiticeiras, às borboletas, aos artistas da natureza, aos aracnídeos, e a todo ser vivente que habita o fundo do mar; aos ouriços-do-mar que ainda se mantêm, por mais improvável que seja, vivendo e operando no mesmo ritmo que nós? Má notícia, pessoal: o relógio parou para a humanidade. O tempo logo será ele próprio anacrônico e, da forma que a nossa espécie o viveu neste planeta, deixará de existir. Terá fim a dualidade entre luz e trevas. Terá fim o dia vermelho ativo, a noite azul que se dissolve. A luz do sol já não é mais o catalisador da consciência, o que nos permite formar nossas personalidades, organizar nossas identidades sobre o travesseiro a cada manhã. Esses cientistas da televisão preveem “uma desertificação global de sonhos”. Logo, prometem, o distúrbio afetará todos nós. O sono entrará em extinção. E, por fim, a não ser que encontremos uma forma de sintetizá-lo, teremos o mesmo destino.

Em geral, desconfio desses gorjeadores que cantam o *crescendo* do terror. Mas me envergonha relatar que o Corpo do

Sono tomou emprestada uma das suas técnicas: a “manipulação apocalíptica”. Nas Campanhas do Sono montadas no Alabama, na Geórgia e na Flórida, fizemos exposições-teste de um documentário criado por esses famintos por audiência, a pior laia dos senhores do medo nos noticiários das emissoras a cabo: *Estará o sono em extinção?* Sinto dizer que tem sido eficaz. Exibimos isso à noite, como um filme de terror. O pavor, nós descobrimos, é um poderoso estimulante de doações.

Enquanto isso, as clínicas de sono do país vêm operando a uma capacidade de duzentos por cento. “Mundos da Noite” brotaram por todo o país, remetendo aos círculos formados pelos comboios de carroças do Velho Oeste: insones se juntando para enfrentar a noite. As aglomerações se formam de maneira espontânea nas periferias, mas acabam desenvolvendo um padrão de formato peculiar: labirintos de barracas e bares noturnos. Comerciantes fornecem remédios clandestinos àqueles que não conseguem dormir, como “abajures” para diminuir o cansaço causado pela vigília contínua e “remédios das cavernas”, derivados das murtas e dos líquens de antigamente. Aves canoras da Alemanha e da Tailândia são vendidas como “curas biológicas” — corre a lenda de que seu piado binário reprograma sonhos dentro da mente. Alguns Mundos da Noite funcionam como acampamentos semilegais para os insones sem-teto e “inempregáveis”, sendo tolerados pelas autoridades locais porque dão vazão ao excesso de pacientes dos hospitais, dos quais, todas as noites, muitos novos insones têm sido mandados para casa. Para seus lares, onde se debatem no exílio de seus colchões, retalhando os próprios olhos nas lâminas da lua até que um doador seja encontrado. Ficam à espera da nossa ligação. E, até serem compatíveis com um doador de sono, nada pode ser feito por eles.